

Lista de concepções erradas comuns acerca do autismo

Mito: O autismo é uma condição da infância que pode ser superada ou curada

Os factos: Os peritos estão de acordo que não há cura para o autismo. Porque o autismo é uma condição de “espectro”, afeta diferentes pessoas de diferentes maneiras, e o impacto de certas características pode mudar à medida que a pessoa passa pelas diferentes fases da sua vida. De acordo com o Diagnostic and Statistical Manual (DSM), usado para diagnosticar o autismo, as características do autismo manifestam-se cedo e permanecem durante a vida. Isto significa que se for feito um diagnóstico exato, não é possível superar o autismo. Não sendo possível curar o autismo, uma intervenção apropriada pode ajudar a:

- Capitalizar os pontos fortes e abordar áreas de desafio
- Ajudar a pessoa a adquirir novas competências e estratégias para melhorar a comunicação e as interações sociais, e modificar ou desenvolver as competências existentes
- Reduzir as barreiras à participação
- Melhorar a qualidade de vida

Com o apoio adequado, as pessoas com autismo – desde a infância à idade adulta – podem ter vidas felizes e produtivas.

Mito: Todas as pessoas com autismo têm as mesmas competências e dificuldades

Os factos: Embora as pessoas com autismo partilhem dificuldades nas áreas centrais da sociabilidade e da comunicação, dos comportamentos restritos e repetitivos, e do processamento sensorial, cada pessoa com autismo é única e tem diferentes capacidades e interesses. É por isso que o autismo é designado de uma “perturbação de espectro”, e que os apoios devem ser adaptados às necessidades individuais das pessoas.

Mito: Todas as pessoas com autismo têm uma notável capacidade de “sábio”

Os factos: As pessoas com autismo geralmente têm um perfil de desenvolvimento desigual, o que significa que o seu nível de capacidades pode variar de acordo com as diferentes competências e mesmo no seio da mesma área de competências. Algumas pessoas com autismo, de facto, têm uma capacidade excecional muito acima da da população em geral (também designada de “competência de sábio”). Ainda assim, a investigação diz-nos que mais de dois terços das pessoas com autismo não a têm. Assim, apesar de as competências de sábio – como ter uma memória fotográfica, ou a capacidade de calcular equações matemáticas complexas com rapidez – e o autismo poderem estar

ligados de alguma forma, a maior parte das pessoas com autismo não têm, na verdade, uma competência de sábio. Todas as pessoas têm os seus pontos fortes, e a melhor maneira de se aprender acerca dos seus pontos fortes é conhecer as pessoas e saber aquilo que gostam de fazer.

Mito: As pessoas com autismo não experienciam o leque total de emoções

Os factos: As pessoas com autismo podem ter dificuldades em expressar os seus sentimentos, ou podem expressá-los de uma forma diferente. A investigação confirma que as pessoas com autismo são de facto capazes de sentir o espectro total das emoções, mesmo se nem sempre são capazes de exprimi-las de uma forma que seja facilmente interpretada por aqueles que estão à sua volta. Enquanto parte dos desafios da comunicação social associados à Perturbação do Espectro do Autismo, não é incomum que as pessoas com autismo tenham dificuldade em reconhecer e interpretar as emoções dos outros, o que vai acrescentar-se à incompreensão acerca do autismo e das emoções. Isto é uma falha de comunicação, não uma falta de sentimentos. É importante lembrar que as pessoas com autismo têm emoções, sentem carinho e amor, e os seus sentimentos podem ser feridos, tal como acontece com qualquer pessoa.

Mito: As crianças com autismo são mais agressivas

Os factos: Tal como outras crianças, há crianças com autismo que gritam, ou atacam, quando estão perturbadas, mas este não é certamente o caso de todas as crianças com autismo. Quando isso acontece, este comportamento está frequentemente relacionado com uma falta de competências alternativas, ou com dificuldades em lidar com o ambiente sensorial, em regular emoções ou em comunicar necessidades. Comportamentos desafiantes são, muitas vezes, uma forma de comunicação de último recurso.

Em alguns casos, uma criança com autismo pode mostrar interesse nas reações das pessoas que estão feridas ou aborrecidas, mas podem não conseguir compreender o que estas reações significam. É raro que uma criança com autismo cause danos a outra pessoa.

Mito: As pessoas com autismo não são capazes de formar relacionamentos sérios e de amizade

Os factos: As pessoas com autismo têm frequentemente laços muito fortes com as pessoas que são importantes nas suas vidas. Elas *podem e têm* relacionamentos com os seus familiares, amigos, parceiros e crianças. Estudos mostraram que a maior parte das pessoas com autismo querem formar relacionamentos com os outros. Ainda assim, elas muitas vezes têm dificuldades em compreender as pistas sociais e de se orientarem através das interações sociais. É importante reconhecer que **parecer** desinteressado não é a mesma coisa que **estar** desinteressado. Há uma variedade de estratégias que podem ajudar a apoiar as conexões sociais (como as atividades para desenvolver o pensamento social e eventos planeados em torno de interesses comuns). Os relacionamentos são um “caminho de dois sentidos”, e o sucesso não é nunca a responsabilidade de apenas uma das

partes. Desenvolver uma consciencialização e uma compreensão acerca do autismo pode também ajudar as pessoas sem autismo a serem mais atenciosas e aceitadoras das diferenças das pessoas com autismo, promovendo desta forma conexões sociais mais positivas.

Mito: O autismo é uma perturbação comportamental ou de saúde mental

Os factos: O autismo é uma perturbação do desenvolvimento. Embora um comportamento desafiador possa ser o resultado de dificuldades subjacentes relacionadas com as características do autismo, não é um aspeto central do autismo. Apesar de a doença mental poder ocorrer em simultâneo com o autismo (como a ansiedade ou a depressão), o autismo não é uma perturbação de saúde mental. O Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders (DSM) tem vindo a refletir a evolução do nosso conhecimento acerca do autismo. Muitos anos atrás, o autismo era considerado uma patologia “psiquiátrica”, mas um crescente corpo de investigação refutou essa ideia. O DSM-3, publicado em 1980, estabeleceu o autismo com o seu diagnóstico separado e descreveu-o como uma “Perturbação Pervasiva do Desenvolvimento”. Em 2013, foi publicada a quinta edição deste manual. O DSM-5 reflete o nosso conhecimento atual acerca do autismo, e é a referência padrão usada pelos profissionais para confirmar um diagnóstico da Perturbação do Espectro do Autismo.

Mito: Existe uma pandemia de autismo

Os factos: As definições de autismo têm mudado ao longo dos tempos, e temos meios mais adequados de fazer o diagnóstico da PEA. Reconhecemos, hoje em dia, um leque de características mais abrangentes como fazendo parte do Espectro do Autismo. É provável que muitas pessoas diagnosticadas com base nos atuais critérios não tivessem sido diagnosticadas se avaliadas de acordo com as antigas definições de autismo. Um aumento na consciencialização e no conhecimento do autismo também conduziu a uma melhoria na monitorização e na deteção dos sinais precoces do autismo, com os pais e os profissionais a procurarem mais ativamente uma solicitação para avaliação de autismo. Usar o termo “epidemia de autismo” tem a implicação de que o autismo é contagioso. É importante notar que o autismo não é uma enfermidade ou uma doença, e perpetuar este mito vai provavelmente criar uma preocupação desnecessária na comunidade e estigmatizar ainda mais o autismo.

Mito: O autismo é causado por um estilo de parentalidade

Os factos: Não há uma causa única conhecida para o autismo. A ciência sugere que há uma provavelmente várias causas com fortes ligações a fatores do desenvolvimento e genéticos. O estilo de parentalidade não causa o autismo.

Como as pessoas com autismo experienciam desafios na comunicação, na compreensão social, e no processamento sensorial, algumas estratégias tradicionais de parentalidade podem não ter tanto sucesso no caso de crianças com autismo. Muitas vezes, os pais precisam de adaptar o seu próprio

comportamento para satisfazer as necessidades dos seus filhos com autismo, e isto pode parecer invulgar para aqueles à sua volta que não estão familiarizados com o autismo. Ajustamentos no “estilo de parentalidade” podem, de facto, ser necessários para ajudar os seus filhos a lidarem com a situação ou com o contexto em que se encontram. Os serviços centrados na família para o autismo podem ajudar os pais e outros cuidadores a identificarem estratégias que resultem para as suas famílias, bem como a encontrar formas de defender os direitos dos seus filhos. Para saber mais acerca dos nossos serviços, [clique aqui](#).

Mito: A vacinação causa o autismo

Os factos: Investigação extensiva de elevada qualidade conduzida ao longo dos últimos 20 anos estabeleceu que não existe nenhuma ligação entre as vacinas e o autismo. Evidências conclusivas provam que não existe **qualquer conexão** entre as vacinas VASPR (antissarampo, parotidite e rubéola), ou outras quaisquer vacinas, e o autismo. A investigação também mostra que não há uma diferença significativa nas taxas de autismo entre as crianças vacinadas e as não vacinadas.

A ideia da ligação entre a vacinação e o autismo surgiu com um estudo defeituoso feito com 12 crianças com perturbações do desenvolvimento em 1998. Baseado num modelo experimental deficiente, num tamanho pequeno das amostras, em violações éticas e em deturpações científicas, este estudo foi retirado de publicação, e a investigação foi desacreditada. [Clique aqui](#) para saber mais.

Fonte:

autism.org.au/what-is-autism/common-misconceptions/